EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 16 / NÚMERO 31 / JANEIRO A JUNHO DE 2016



Coriolano e o engano do poder

Heloisa Gurgel Rosenfeld[1]

Resumo: Este trabalho estabelece uma série de leituras cruzadas entre a literatura dramática de William Shakespeare, a psicanálise de cunho freudiano e a filosofia nietzschiana. Partindo da tragédia de Coriolano, analisam-se questões relacionadas com a estrutura psíquica na qual encontramos um superego em dilacerante conflito com sua própria representação e seu constante agir. Do ponto de vista psicanalítico, analisam-se a pré-história familiar e as motivações psicológicas que movimentam a tragédia, revelando-se assim os entraves filosóficos pelos quais o ser humano não atinge a condição de "espírito livre", o que seria o ponto básico de um correto devir ou "ser o que a gente é", em palavras de Nietzsche.

Palavras-chave: Narcisismo; ideal; real.

Abstract: The author refers to psychoanalytical and philosophical literature for definying the last tragedy written by William Shakespeare, *Coriolan*, as an inaugural depiction of psychic structure of Mother-Son-Family conflicts. *Coriolan* tragedy is being used as a *motif* for meditating on the relationship between the mind expansiveness and the possibility of a short circuit experience, a sort of paralysis that would be reflected on the superego introspection. Indeed, the *Self*-image potency, and the variation of its introspection, can be an obstacle for reality perception because of the peculiar remoteness that the *Self* needs to create from the *Real* in order to persist.

Keywords: Narcissism; ideal; real.

"A ilusão eleitoral é maior do que a ilusão do amor"
Miguel Arraes

Estou certa de não poder almejar reduzir a análise da tragédia de Shakespeare ***Coriolano*** a uma compreensão unicamente psicológica; esta seria apenas uma leitura atenta às relações que se encerram, tão bem colocadas por Shakespeare, entre Coriolano e sua mãe, e o lugar que a plebe tem em sua mente – e este é o viés que procurarei estar aprofundando. A tragédia de Coriolano estaria sendo usada como um mote para pensar a questão da relação entre a expansão mental e a possibilidade de *paralisia* que estaria representada na introjeção do superego, isto é, a potência do *ideal do Eu* que pode, na variação da sua introjeção, ser um entrave à percepção da realidade pelo próprio distanciamento que precisava criar do real para subsistir.

[1] Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, psicanalista formada no Instituto Sedes Sapientiaes - São Paulo e Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Coriolano (1608) foi a última das dez tragédias que Shakespeare escreveu. Baseada provavelmente no livro "Vidas Paralelas", de Plutarco, conta a história de Caio Márcio, grande general, herói reacionário que, aproveitando-se de uma crise de abastecimento que a cidade de Roma sofria (ao redor de 493 AC), deu-se a pressionar o povo. Insistiu junto aos cônsules que se fechassem os armários estatais que vendiam grãos aos plebeus, exigindo destes que renunciassem às conquistas recém obtidas.

Não tardou para que Caio Márcio se tornasse a figura mais odiada entre o povo romano. A cidade se enervou e a nobreza, temerosa que o grassar da fome atiçasse ainda mais o rancor entre as classes, não acatou as terríveis sugestões de Coriolano. Este, por sua vez, furioso com o que considerou uma vergonhosa capitulação do patriciado frente à plebe, não demorou a, banido pelos romanos, refugiar-se nos acampamentos dos Volscios, eternos adversários daquela Roma dos primeiros tempos. Lá, dominado pelo ressentimento e pelo desejo de vingança, entrou em conluio com Aufídio, o rei inimigo, para vir pôr Roma em sítio. A cidade, ainda carregada com os desaforos da estiagem, viu-se cercada pelo caudilho reacionário e, ainda, por seus inimigos[2].

Segundo a lenda, que foi usada por Shakespeare, foi Volúmnia, a mãe de Caio Márcio, que, visitando-o nas trincheiras, convenceu-o a desistir de submeter a sua cidade natal àquele terrível padecimento. Coriolano, acatando

[2] Considero importante localizar historicamente a tragédia de Coriolano. A história de Coriolano se passa quando os reis acabam de ser expulsos na época semilendária do nascimento da República Romana (V AC). Roma combate as tribos vizinhas. Mas na própria Roma há uma luta continua dos pobres contra os ricos. Os patrícios se enriquecem nas guerras. Apoderam-se de terras e de escravos. Mas sem a plebe não poderiam fazer a guerra. É importante salientar que nesse período houve a primeira paralisação geral de uma sociedade que se conhece – a greve do Moms Sacer (Monte Sagrado). Nada se movia ou se mexia na cidade de Roma e nas suas vizinhanças. O protesto em favor dos direitos econômicos teve efeitos. O Senado consentiu que, dali em diante, em suas sessões, houvesse um trono do povo ocupado por representantes da plebe: o *tribuni plebis.* As enormes desigualdades sociais que separavam as classes não foram reduzidas pela adoção do tribunato que, historicamente, revelou-se muito frágil para exercer um verdadeiro equilíbrio de poder entre a nobreza e o povo.

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



o apelo da mãe, veio por entregar-se ao destino. Retornou para a cidade dos Volscios e lá deixou-se matar pela turba que o acusou de falso e traidor.

Essa é a parte da história coberta pela ação da tragédia de Shakespeare, que dá a profundidade e a temporalidade do conflito humano de Caio Márcio Coriolano. Vivendo durante o período republicano de Roma, ***Coriolano*** expressa, a um só tempo, a própria essência dos mais caros valores romanos, militares e viris, bem como o perigo de seus excessos[3]. Órfão, desde cedo, de um grande general romano, Caio Márcio é criado pela mãe Volúmnia para seguir os passos do pai.

A visão que Volúmnia tem dos valores masculinos é, necessariamente, uma visão enganada; tudo é levado ao exagero, ao por demais rígido, já que se trata de uma experiência vivida através do olhar do outro. Mais grave ainda é o que, graças a tal atitude, fica faltando em termos de contribuição materna, de flexibilidade, de compaixão. Não se pode esquecer o lugar da mulher dentro da sociedade romana da época. A mulher vive afastada de toda e qualquer instância do poder e da política. Como pressuposição, talvez Volúmnia queira reconquistar, através do filho, o papel que tinha como uma sombra do poder com a relação que havia vivido com o marido.

É este o aspecto da peça que gostaria de abordar e que Shakespeare nos presenteia com muitas falas, que darão a compreensão da formação da

[3] Como diz Plutarco em suas Vidas Paralelas, citado na tradução de Jan Kott (2003), a figura de Coriolano opunha à *virtus* romana o ideal ético grego. A moral que tirou da biografia de Coriolano, tal como a contou, era psicológica e empírica. “Uma natureza forte e vigorosa, quando destituída de boa alimentação, produz muitos males e bens simultaneamente, da mesma forma que um solo fértil produz grande quantidade de ervas boas e más. Coriolano não tinha aquela gravidade, aquela frieza e doçura temperadas pelo julgamento de boa doutrina e de razão, necessárias a um dirigente político, e que a coisa que mais deve evitar um homem que quer se envolver no governo de uma coisa pública e dialogar com os homens é a teimosia.” Seu herói, como os clássicos, é um ser incapaz de viver em sociedade, incapaz de se submeter, profundamente incivilizado. Coriolano é uma tragédia contemporânea porque, afastado dos deuses, o território pavoroso para o homem é a natureza indômita, suas próprias limitações à hora de construir um mundo vivível. Coriolano é uma moderna tragédia do social e, portanto, uma tragédia da educação, do legado que se transmite no corpo social que melhor representa os desejos, e também as perversões, no pensamento contemporâneo, é dizer, a família. Uma história de comunidade. Uma história de mães e filhos e netos. Grande, sem dúvida, por tudo o que é capaz de ocultar.

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



mente desse herói, o sofrimento mental que acompanha, o descompasso entre o que a realidade exige dele e o ideal interno que ele tem que preencher.

Coriolano se comporta, às vezes, como um ingênuo, um monstro de força, de arrogância, de poder, que não pode reconhecer as nuances das relações humanas e sociais do poder. Um puro, totalmente dedicado ao ideal dessa mãe que coloca o código de honra do militar romano como o mais alto dos valores a serem alcançados.

Logo no início da peça, a fala dos cidadãos indica a percepção do conflito do herói: "[...] Embora os que não pensem possam contentar-se em dizer que tudo foi feito pela pátria, ele fez tudo para dar satisfação à mãe e, em parte, por seu orgulho, que ainda é maior do que suas virtudes." (Ato – I, p. 17).

É interessante notar, nessa fala, primeiro a noção de que quem pode "pensar" pode chegar a uma conclusão diferente daquela que é a aparente, e depois a relação de objeto de satisfação do desejo da mãe a que Coriolano se submete. Nada mais assustador do que uma mãe que assegura ao filho, como garantia da ilusão do amor, todo o ideal interno. O que eu quero implicar nessa fala é o grau de idealização da mãe em relação a esse filho; essa criança não existe enquanto pessoa, ela é objeto da projeção do ideal materno. Volúmnia vive narcisicamente nessa completude em que pensa se realizar através do filho. Volúmnia, em sua segunda aparição na peça, sendo que na primeira ela é o espectro, na voz do cidadão que julga e observa (já citado anteriormente), está a coser com Virgília, esposa de Márcio; este está na guerra contra os Volscios. Aparentemente é uma cena tranquila, mas o tom e a intensidade de sua fala a colocam dentro da esfera da luta pelo poder. Diz ela:

> [...] **Se meu filho fosse meu marido** eu acharia mais fácil alegrar-me com a ausência que lhe trouxesse honra do que nos braços de seu leito, onde ele mais amor demonstraria [...] eu, levando em consideração **como a honra seria desejável para tal pessoa** – que não valeria mais que um retrato pendurado na parede se **o renome não lhe trouxesse vida – tive prazer em deixá-lo buscar perigo onde era provável que encontrasse fama**. Mandei-o para uma guerra cruel de onde voltou com a fronte coroada de louros. Eu lhe digo, filha, não saltei mais de alegria com a primeira notícia de que

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

> tinha um filho macho do que na primeira vez que ouvi que se provara um homem. (Ato III, p. 32).

E aí está Coriolano, totalmente identificado com essa "honra", com o valor romano supremo, mas a visão de Volúmnia é deformada; não dá atenção ao real, às relações humanas que forjam o indivíduo, nem ao indivíduo, nem ao menino Caio Márcio. Coriolano acaba dando mais valor à forma que ao conteúdo, ao código de honra de um militar romano do que ao ser humano, sendo incapaz de respeitar a todos aqueles que ele julga não estarem à altura de seu nível social e de sua bravura, ou seja, quase a totalidade dos romanos.

Essa transposição da satisfação amorosa ao poder é colocada na boca de Aufídio, general inimigo, que nutre por Coriolano um ódio profundo, por ter sido vencido várias vezes pelo mesmo nas batalhas pela posse de Corioli, cidade que dará a Caio Márcio, depois de uma grande batalha vencida por ele, o seu nome de "Coriolano". Depois de banido de Roma, Coriolano vai se refugiar junto a esse mesmo inimigo, cujo maior desejo, sabe muito bem ele, é eliminá-lo, e propõe-lhe, então, sua união para uma volta triunfal e arrebatadora para capitular sua Roma. Fala de Aufídio:

> Márcio, Márcio!
> Cada palavra arrancou de meu peito uma raiz
> Da má erva da inveja [...] Sabe, primeiro,
> Que amei a minha noiva; homem algum
> Suspirou mais; mas ver-te aqui, agora,
> **Faz dançar ainda mais meu coração**
> **Do que ver minha amada, após a boda,**
> [...] Me venceste
> Doze vezes, **e as minhas noites todas**
> **São sonhos de combates entre nós –**
> **No meu sono nós já nos derrubamos,**
> **Sem elmo, nos pegamos as gargantas –**
> [...] Entra agora,
> Toma a mão, como amigo, aos senadores
> Que aqui estão para se despedir
> De mim, que ia atacar teus territórios,
> Mas não a própria Roma. (Ato IV, p. 156).

O poder como forma de satisfação erótica – tão bem exposto na fala de Aufídio – tem também a qualidade de dissociação, de distanciamento de realidade, de transmutação do objetivo real. O ódio é deslocado da pessoa ao

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

que ela possui, seus territórios. O poder estaria colocado na atualização, real e ativa, do ideal do ego. Freud (1923) diz que “os conflitos entre o ego e o ideal, em última análise, refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno” (p. 51). Freud diz sobre o lugar do ideal do ego:

> Devido à maneira pela qual o ideal se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo, a sua herança arcaica. O que pertencia à parte baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante a formação do ideal no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores... É fácil demonstrar que o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem (a religião, a moralidade, o senso social (p. 51).

Na Roma antiga os valores seriam a luta, a vitória, a conquista e a liderança. Mas o que chama a atenção na peça é a profundidade desse distanciamento entre o ideal e o real. Como consequência, há o sofrimento; Coriolano sofre por não conseguir sobrepujar seus “ideais internos” para a real possibilidade de alcançar seus objetivos. Coriolano é orgulhoso, não consegue vestir o “traje da humildade”, ritual que exige que peça ao povo, de forma humilde, com vestimentas rasgadas e expondo as feridas de guerra, o voto para vir a se tornar cônsul. É interessante, nesse ponto da peça, que os cidadãos até queiram acreditar (eles também necessitam do líder como idealizado), até juram seu voto a ele, mas dois conspiradores conseguem fazer com que o povo perceba as más intenções de Coriolano.

Novamente entra em ação o suprapoder de Volúmnia, sua mãe, que precisa, narcisicamente, garantir o lugar político do filho, o lugar que deveria ser o dela. Nesse momento ela o maltrata, pois exige dele o que ele não pode dar, a capacidade de transgredir a lei interna, seu superego, rígido e poderoso.

Volúmnia começa a conversa dizendo:

> É bom que ouça
> Meu coração é rijo como o seu,
> Porém meu cérebro utiliza a raiva
> Com mais proveito (Ato III, p. 122).

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Assim se inicia sua argumentação, que por muitas vezes se parece com súplica porque se mistura com o afeto, de modo que Coriolano entenda que precisa fingir interesse pelo povo para conseguir ser retribuído com seu voto.

> Volúmnia:
> Eu lhe imploro meu filho,
> Vá lá com ele, de chapéu na mão,
> E se chegou a tanto – siga os outros –
> Beije o chão com o joelho – nesses casos
> A ação fala, e os olhos do ignorante
> Valem mais que os ouvidos; com a cabeça
> Muitas vezes se corrige no coração... (Ato III, p. 125).

Nesse momento se instala, a meu ver, o drama, porque Volúmnia (no lugar desse ego idealizado) ensina Coriolano a ser um lutador, um vencedor, mas não lhe ensina a ser um manipulador. Coriolano, nesse momento da peça, poderia ter um *insight* e se dar conta de seu lugar dentro da trama familiar, dentro do espaço político-social, poderia se aperceber de seu próprio desejo, mas isso não acontece, pois está impossibilitado, está subjugado a esse ideal do outro; então se cria o conflito, como consequência o sofrimento mental, a sensação de não se pertencer, a falta de identidade. Sua fala é a melhor demonstração desse dilema humano.

Diz Coriolano em resposta à mãe:

> É necessário.
> Adeus, meus sentimentos. Que o espírito
> De uma puta me possua! [...] **Eu não posso,**
> **Senão deixo de honrar minha verdade**
> **E com meu corpo ensino a minha mente**
> **A ser para sempre vil.** (Ato III, p. 127).

Eu penso que a partir daí ele começa a perder seu poder, porque não é uma aquisição real da necessidade de manipular e mentir; ele nega que isso faça parte, ele se submete, é subjugado ao desejo do outro e não consegue incorporar como seu. Coriolano não chegou ao que Nietzsche designa como "espírito livre", o ponto básico do "ser o que a gente é", que seria a única possibilidade de ele sair dessa emboscada do destino.

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

No livro **Ecce Homo** (1888), que é uma autobiografia, Nietzsche reflete: "a verdadeira fatalidade na minha vida é a ignorância *in physiologics*, o maldito idealismo e tudo o que ele tem de supérfluo, de estúpido, como algo de que não possa nascer nada de bom, para o qual não existe compensação nem contracálculo." (p. 50). Mais adiante, no mesmo livro, quando fala sobre seu livro "Humano, demasiado humano", diz:

> 'Humano, demasiado humano' é o monumento de uma crise. Ele se chama um livro para espíritos **livres**: praticamente cada uma de suas sentenças exprime uma vitória – com o mesmo, eu me livrei daquilo que **não-faz-parte-de-mim** em minha natureza. Não faz parte de mim o idealismo: o título diz 'onde vós vedes coisas ideais, **eu** vejo – coisas humanas, ah, coisas demasiado humanas!' [...] Eu conheço **melhor** o homem... Em nenhum outro sentido da palavra 'espírito livre' quer ser entendida: um espírito que **se tornou livre**, que voltou a tomar posse de si mesmo. (NIETZSCHE,1888, p. 96)

Mais adiante:

> [...] as **realidades** faltavam por completo no interior de meu saber e as 'idealidades' prestavam seu serviço ao diabo! (p. 99).
> [...] era tudo um se-tornar-igual a qualquer um, uma 'ausênsia-de-si', um esquecer-se de suas próprias distâncias – algo que eu jamais me perdoarei. Quando eu estava chegando ao fim, **porque** estava quase no fim, eu passei a refletir sobre essa irracionalidade fundamental de minha vida – o 'idealismo'. Só a **enfermidade** me trouxe à razão[...]. (NIETZSCHE,1888, p. 50).

Para Coriolano as coisas não foram assim compreensíveis, faltou-lhe essa capacidade nietzschiana de pensar-sobre-si-mesmo; ele não adoece, mas se deixa assassinar, quando ao final da peça retorna a Corioli, seguindo de novo aos apelos da mãe para não invadir e destruir Roma.

Então a capacidade de pensar estaria relacionada à possibilidade interna de transgredir, de ir além, de não ser escravo do **desejo do outro**, e esse é o contraponto em Coriolano, porque, se por um lado ele é uma potência, de uma força física surpreendente - e para os romanos essa força física tem um valor inestimável, um valor mítico -,se iguala a um Zeus de uma coragem e autodeterminação que consegue destruir uma cidade sozinho, por outro lado, e, ao mesmo tempo, ele é dominado pelo orgulho, que é a introjeção do valor materno de ideal de homem; e ele, ameaçado pela interdição desse amor, se

ROSENFELD, Heloisa Gurgel. Coriolano e o engano do poder. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 61-69, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.

submete, então ele é um fraco, pois ficou preso ao seu destino pelo medo de pensar, ficou sujeito das 'idealidades' (na concepção de Nietzsche).

A morte real é, então, uma concretização da morte interna, do "beco sem saída" de sua vida, porque, ou ele se humanizava ou deveria viver restrito ao papel de bravo-guerreiro-romano, mas isso era pouco para seu ideal – mãe – interno. E ele, Coriolano de Shakespeare, não fazia questão de preencher o ideal político de homem da Polis, do homem em relação ao seu social, porque ele realmente odeia o povo. Ele poderia viver só para a luta, para o embate com o outro, físico, com o lado mais primitivo do humano. A sua morte, um assassinato por uma turba vingativa, é como uma morte primitiva, não tem pensamento, não tem a culpa, tem o corpo agindo diretamente pelo desejo de se libertar de um conflito.

E quase como Coriolano, um enorme corpo, forte e poderoso, que tem o desígnio único de vencer.

Referências:

FREUD, Sigmund. (1923). *O ego e o Id*. Vol. XIX. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1913). *Totem e Tabu*. Vol. XIII. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

KOTT, Jan. (2003). *Shakespeare:* Nosso contemporâneo. São Paulo: Cosac &Naify.

NIETZSCHE, Friedrich (1888). *Ecce Homo*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SHAKESPEARE, William. (1608). *Coriolano*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar AS, 2004.

COMISSÃO CIENTÍFICA DA SBPdePA. (2004). *Freud e seus filósofos*. Porto Alegre: SBPdePA.